

POVOS QUILOMBOLAS: Luta e resistência na relação campo-cidade do povoado de São Gonçalo em Contendas do Sincorá (BA)

Sávio Roberto Pina[1]
Fátima Crislaine Batista Rocha[2]

Palavras-chave: trabalho; território; reprodução camponesa.

INTRODUÇÃO

Este resumo analisa as contradições existentes entre campo e cidade, a fim de respaldar a reprodução camponesa e a resistência dos povos originários, como parte da reprodução física, social, econômica e cultural no município de Contendas do Sincorá (BA). Trata-se de uma práxis necessária no âmbito das ciências humanas, que traz as categorias, *trabalho e território,* como fundamentais no processo de formação e reprodução das relações humanas para compreender a *produção do espaço geográfico*. Tem-se, portanto, o foco nas transformações que acontecem no espaço, pensado enquanto *natureza*, e que influenciam, em sua unidade dialética, à reprodução social desses povos originários, em específico, os povos quilombolas.

A reprodução contraditória dos povos quilombolas no modo de produção capitalista, contida neste resumo-produto da pesquisa monografia em andamento, é afirmada através do método interpretativo, o Materialismo Histórico e Dialético. Atrelado a procedimentos investigativos, traz uma análise crítica mediante vídeos e arquivos documentais sobre esta comunidade quilombola de São Gonçalo. As leituras acadêmicas tem por referência Moraes (2008) Smith (1984) Oliveira (2020), Souza et al (2016), Sousa e Santos (2019), Rocha (2018) e Carregosa, Silva e Kunhavalik (2015), na compreensão da importância do *trabalho concreto* e seu o *valor de uso* na *natureza*, expressa na relação

[1] Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.
[2] Mestra em Geografia e docente do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

unilateral com a categoria *território,* em específico, na reprodução do *território quilombola,* que sob a singularidade da relação campo-cidade, se expressa por exemplo, a pesquisa da Comunidade Quilombola de São Gonçalo.

Desta maneira, o objetivo deste resumo, é expor a qualidade e análise de estratégias históricas de luta e resistência dos povos quilombolas do São Gonçalo em Contendas do Sincorá, dando respaldo ao *trabalho* destes povos, que conduzem na mobilidade campo-cidade a reprodução de suas vidas.

Fundamentação Teórica

Na história do Brasil-Colônia, a classe dominante, vinculada à metrópole portuguesa e instalada no território brasileiro, foi depredadora e exploratória da natureza, em sua consensualidade política com a contradição da sociedade de classes. Segundo Moraes (2008), esta mesma classe, ao se apropriar tanto da propriedade privada da terra, quanto da propriedade da força de trabalho dos povos negros no processo violento de escravidão, deixou mazelas ideológicas e concretas na história de vida destes[3], e ao mesmo tempo, relutou, burocraticamente, contra sua resistência cotidiana.

Na conjuntura do processo de urbanização/industrialização advinda do processo de *democratização do capital* no Brasil, resultou, contraditoriamente, na marginalização e desigualdades dos remanescentes das comunidades quilombolas. Nesse contexto, brutal e desumano, os povos quilombolas, obrigatoriamente, tiveram que desenvolver estratégias de sobrevivência, proteção espacial, e organização para se manterem vivos e, principalmente, para reafirmar a existência no seu território e origem.

Logo, essa questão histórica não impediu a autoafirmação de qualidades e sabedorias ancestrais das comunidades quilombolas, que de certa forma, foram resistências transmitidas de geração em geração, ancoradas pela categoria maior, o trabalho. Segundo Souza et al (2016, p. 288) "o trabalho é categoria central nos estudos geográficos, tais quais as categorias sociedade e natureza, posto que, pelo método adotado, não há uma separação entre essas. Enquanto uma atividade concreta voltada para a satisfação da necessidade humana, o trabalho concreto é atribuído, aqui, enquanto algo, não só essencialmente social, mas inerente ao metabolismo próprio da natureza humana na Natureza (Smith, 1984).

Partindo deste pressuposto da unidade entre sociedade-natureza, tem-se por interesse visceral e racial, a investigação e defesa da resistência da comunidade quilombola do São Gonçalo em Contendas do Sincorá(BA)[4], que, historicamente, reproduz relações de trabalho no campo, e estabelece uma relação racial com sua própria natureza humana através da produção agrícola e artesanal. Segundo Sousa e Santos (2018):

[3] Um exemplo histórico do processo de escravidão em Contendas do Sincorá pode ser visto no registro feito por Fernandes (2023). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WbIfm26sXRo.
[4] O processo de urbanização de Contendas do Sincorá pode ser conferido através do documentário Contendas (2021). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=WbIfm26sXRo.

> Os modos de criar, fazer e viver exprimem o processo lento, histórico que os remanescentes das comunidades de quilombos imprimiram com o meio ambiente e, ao mesmo tempo, as limitações, as barreiras e as possibilidades que este os impôs. Não se vê o quilombola se não se percebe o meio onde ele vive e atua. Seu cheiro, seu corpo, seu caminhar, sua vida carregam o chão por onde trilha, o rio em que banha e os frutos de que se alimenta (Sousa e Santos, 2018, p. 207)

Por mais que esta 'produção não-capitalista' esteja inserida no processo da circulação de mercadorias industriais do sistema capitalista, segue sendo um ato de trabalho que concebe sua auto valorização social e interna dentro da própria comunidade, e que de certa forma, é indissociável à preservação ambiental, por parte desta microrealidade (Carregosa; Silva; e Kunhavalik, 2015), entendida mais como um caráter metabólico, do que uma solução ambiental intencional.

Tratando do povoado quilombola do São Gonçalo, é possível perceber, que estão historicamente, no território[5] de relevo acidentado e diversificado da Chapada Diamantina, e que mesmo com as transformações urbanas advindas do sistema capitalista, esta comunidade se manteve rural e firme, construindo famílias, e atrelando suas vidas à valorização da natureza, com o trabalho artesanal, e com a produção agrícola de subsistência ou camponesa, como pode ser conferido na Figura 1.

Figura 01 - Reprodução camponesa na comunidade quilombola do São Gonçalo em Contendas do Sincorá- BA, 2022/2025.



Fonte: Acervo pessoal da comunidade quilombola São Gonçalo, 2022/2025.

Com uma vasta opção de peças, totalmente artesanal, os povos quilombolas acompanham o processo de produção desde o início até o fim da "mercadoria". E enquanto, valor de uso, a comunidade desenvolve sob a conscientização do seu processo de trabalho, bolsas, esteiras, sousplat, cestos, bandejas, vassouras, boleiras e etc, que incentiva a afirmação racial, na base de sua satisfação das necessidades primárias, à reprodução da vida, da classe social, ponto este importante, para a constância da militância de mulheres negras em sua campesinidade (Figura 2)

[5] Segundo Oliveira (2020, p.49) existem 13867 famílias quilombolas resistentes no Brasil.

Figura 02 - Irmãs da comunidade quilombola do São Gonçalo em Contendas do Sincorá (BA), que conduzem as decisões produtivas do artesanato, 2022.



Fonte: Acervo pessoal da comunidade quilombola São Gonçalo (2022).

Segundo Xavier Artesanatos (2024), o grupo de artesãs surgiu com o propósito de ampliar o conhecimento na elaboração e produção dos artesanatos, visando agregar valor ao produto e com a divulgação, ampliar o número de vendas para o sustento coletivo da comunidade. Fundado por três irmãs, que adotaram a união de técnicas manuais e conhecimento para dispor de produtos com qualidade e produção humana em menor tempo.

Com elementos ricos em seus detalhes, esses artesanatos são confeccionados a partir da palha do licurizeiro, mantendo uma unidade afetiva com a finalização do produto, pois busca promover uma experiência satisfatória no uso social. Cada produto confeccionado carrega consigo trabalho concreto, conhecimento, e talento da cultura quilombola que tem resistência na configuração racial do povo brasileiro. Destaca-se assim, a importância da comunidade quilombola de São Gonçalo, não somente pela confecção dos artesanatos que pode no devir estar a deriva da (in) controlabilidade do capital transformando em mercadorias , para sse tornar o metabolismo do capital em transformá-los , mas também pelas suas histórias.

Analisando geograficamente a categoria "território", pode-se observar que os povos quilombolas lutam para manter o controle sobre seu espaço de vida e produção, reafirmando sua relação com a natureza física e sua cultura ancestral. Ademais, a produção artesanal e agrícola desses povos, demonstram a importância do trabalho como elemento de auto valorização social e interna dentro da comunidade e do município de Contendas do Sincorá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, a resistência dos povos quilombolas do São Gonçalo em Contendas do Sincorá, justifica a importância da reprodução camponesa e da luta autônoma desses povos na relação campo-cidade. A reprodução do espaço, que inclui as estratégias de sobrevivência e resistência desses povos, revela a valorização da natureza, do trabalho artesanal e da produção camponesa como elementos fundamentais para a afirmação de sua existência

Por mais que a comunidade quilombola esteja atrelada às políticas públicas municipais, estas se encontram aos moldes dos próprios limites burocráticos, reflexo imponente e hierárquico do Estado capitalista, que privilegia em sua substância, o interesse da mercantilização.Obviamente, a comunidade quilombola se encontra em desigual nível de concorrência e fluxo de seu produto artesanal do campo, quando comparado à prioridade e facilitações dos produtos industriais da cidade, sendo portanto, reflexo de uma oposição campo-cidade (Rocha, 2018). Diante disso, a luta dos povos quilombolas do São Gonçalo é um exemplo da resistência e da afirmação da identidade negra através do trabalho no campo.

REFERÊNCIAS

CARREGOSA, Elenice Almeida; SILVA, Sandra Lúcia da Cunha e; KUNHAVALIK, José Pedro. Unidade de Conservação e comunidade local: uma relação em construção. ***Desenvolvimento e Meio Ambiente,*** Curitiba, v. 35, 2015. Disponível em: https://doi.org/10.5380/dma.v35i0.40563. Acesso em: 01 de maio 2025.

CONTENDAS. **Contendas do Sincorá - Institucional.** YouTube, 27 jan. 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=31&v=AoR9DuCarOk. Acesso em: 20 abr. 2025.

FERNANDES, Vitor. **Vitor Fernandes – Ao vivo**. YouTube, 20 jan. 2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WbIfm26sXRo. Acesso em: 20 abr. 2025.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A grilagem de terras na formação territorial brasileira**. São Paulo: FFLCH/USP, 2020.

SOUSA, Maria Sueli Rodrigues de; SANTOS, Joaquim José Ferreira dos. Territorialidade quilombola e trabalho: relação não dicotômica cultura e natureza. **Espaço Tema Livre**, [S.l.], v. 22, n. 1, p. 201, 2019. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592019v22n1p201. Acesso em: 3 maio 2025.

SOUZA, Suzane Tosta et al. A categoria trabalho na ciência geográfica: o contexto do pensamento crítico. **Revista Pegada**, v. 17, n. 1, p. 286-309, 2016.

SMITH, N. Desenvolvimento Desigual:natureza, capital e a produção do espaço.Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

ROCHA, Fátima Crislaine Batista. T**rabalho, Divisão do Trabalho e Oposição entre Campo e Cidade na Produção do Espaço.** Vitória da Conquista: 111p. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. UESB, 2018.

XAVIER ARTESANATOS (perfil xavier.artesanatos). Instagram: reel. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/C9gUlmdxBSK/?igsh=MXM4Mm1ieXJwdzR3ZA==. Acesso em: 20 abr. 2025.

MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia histórica do Brasil:** capitalismo, território e periferia. São Paulo: Annablume, 2008.